CADERNOS do APLICAÇÃO
Pesquisa e Reflexão em Educação Básica

https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao
ISSN 2595-4377 (online)
Porto Alegre | v. 35 | n. 1 | jan.-jun. 2022
DOI: https://doi.org/10.22456/2595-4377.120072

>> Temática Especial

Estratégias de mediação de leitura em um grupo on-line

Daniela Favero Netto*
Luiza Amaral Rockenbach**

Resumo:

Este artigo trata de uma pesquisa qualitativa cujo objetivo foi investigar as estratégias de mediação de leitura literária utilizadas em um grupo de leitura em voz alta realizado na modalidade remota, via plataforma on-line. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação e a geração de dados deu-se por meio de observação participante, realizada em quinze encontros do grupo, que se reuniu semanalmente para a leitura da obra "Senhor das Moscas". A mediação foi realizada por dois estudantes de Letras, bolsistas de pesquisa, no grupo constituído por vinte estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, oriundos de diferentes escolas da região metropolitana de Porto Alegre. As estratégias de mediação identificadas foram classificadas da seguinte maneira: a) organização do fluxo de ideias; b) perguntas direcionadas; c) explicação de aspectos; d) valoração dos comentários dos participantes. Compreendendo a necessidade de pensar metodologias alternativas de ensino de literatura em sala de aula ou em espaços criados para leitura, observou-se, no estudo, que essas diferentes estratégias de mediação identificadas se mostraram pertinentes para instigar a criatividade, o pensamento crítico dos participantes e seu interesse na leitura.

Palavras-chave:

Mediação de leitura. Estratégias. Grupo de leitura. Leitura em voz alta.

Mediation literary reading strategies throughout on-line platform

Abstract:

This scientific article is a qualitative research whose goal is to try finding out mediation literary reading strategies which is used in an out loud reading group that took place in the remote mode, throughout on-line platform. The present study is an action research and the data generation was made through participant observation, which was used in fifteen weekly calls of the group for the reading of "The

* Doutora em Letras – Estudos da Linguagem, na Linha de Pesquisa Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017) e docente do Colégio de Aplicação. E-mail: d.faveronetto@gmail.com. ORCID iD: http://orcid.org/0000-0002-1367-1263.

** Graduanda em Letras – Licenciatura, com ênfase em Português/Inglês, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista de Iniciação Científica (FAPERGS/UFRGS). E-mail: luizarockenbach11@gmail.com. ORCID iD: http://orcid.org/0000-0003-4716-4136.

lord of the flies" book, by William Golding. The mediation was guided by two graduation students of Languages, research internships, in a group formed by twenty students of the final years of Elementary School or High School from different schools in Porto Alegre metropolitan area. The mediation strategies identified were classified as: a) organization of the flow of ideas; b) targeted questions; c) aspects explanations; d) valuation of participant's comments. Being aware of the necessity of thinking other methodologies to the literature teaching in classrooms or in specific reading spaces, it was observed in the study that these different mediation strategies proved to be relevant to instigate criativity, critical thinking of the participants and their interest in reading.

Keywords:

Reading mediation. Strategies. Group reading. Reading aloud.

Estrategias de mediación de lectura en un grupo online

Resumen:

Este artículo trata de una pesquisa cualitativa cuyo objetivo fue investigar las estrategias de mediación de lectura literaria utilizadas en un grupo de lectura en voz alta realizado en forma remota, a través de una plataforma online. El estudio se caracteriza por ser una investigación-acción, y la generación de datos se realizó mediante la observación participante, desarrollada en quince encuentros del grupo, que se reunió semanalmente para la lectura de la obra "El señor de las moscas". La mediación fue realizada por dos estudiantes de Letras, becarios de investigación, en un grupo formado por veinte estudiantes de los últimos años de la educación primaria y secundaria, provenientes de diferentes escuelas de la región metropolitana de Porto Alegre. Las estrategias de mediación identificadas se clasificaron como sigue: a) organización del flujo de ideas; b) preguntas orientadas; c) explicación de aspectos; d) valoración de los comentarios de los participantes. Comprendiendo la necesidad de pensar en metodologías alternativas para la enseñanza de literatura o en espacios creados para lectura, se observó en el estudio que estas diferentes estrategias de mediación identificadas demostraron ser relevantes para instigar la creatividad, el pensamiento crítico de los participantes y su interés por la lectura.

Palabras clave:

Mediación de lectura. Estrategias. Grupo de lectura. Lectura en voz alta.

Mediação de leitura literária: o que é, quem faz e como se faz?

A mediação de leitura literária pode ser classificada como uma atividade de "leitura compartilhada", no sentido de que envolve interlocutores, ultrapassando a relação leitor-livro. É importante que se esclareça, de início, que o mediador não é, necessariamente, o professor: pode ser uma avó, um avô, uma mãe, um irmão, uma tia, uma bibliotecária, um vizinho, uma amiga etc. Pennac, em *Como um Romance*, conclui que "aquilo que lemos de mais belo deve-se, quase sempre, a uma pessoa querida. [...] Talvez porque, justamente, é próprio do sentimento, como do desejo de ler, *preferir*" (PENNAC, 1993, p. 84, grifo do autor). Assim, no primeiro contato com a leitura, a figura do mediador é, na verdade, aquela que coloca o sujeito leitor em contato com a palavra escrita, levando-o a construir suas próprias imagens e reflexões, depois reconstruídas por suas próprias leituras, quando conquistado o letramento e a autonomia que o possibilitou, o encontro sem a ponte que construíram seus primeiros mediadores. Não se pode negar também que, ao estabelecer esse contato entre leitor e obra literária, o mediador assume o papel de um educador, de um orien-

tador, e isso não significa que ele seja a voz da razão, mas sim uma figura que, muitas vezes, ajuda a organizar o pensamento do leitor, explica significados nem sempre compreendidos ou, ainda, problematiza as impressões do leitor a ponto de contribuir com seu envolvimento com a leitura.

A leitura aqui referida como compartilhada, por sua vez, é uma tríade: trata-se de uma leitura realizada em um espaço onde se encontram objetos fundamentais e constitutivos, quais sejam, o mediador — que estabelece relações entre os próximos dois objetos —, o leitor e, por fim, o texto. É dentro desse espaço, desse tempo e nessa relação que podem ocorrer, também, diálogos e reflexões sobre aquilo que é lido na obra e sobre outras tantas leituras (literárias ou de mundo) previamente realizadas.

A mediação de leitura que é objeto deste estudo corresponde, especificamente, a uma prática de mediação de leitura coletiva em voz alta, realizada em ambiente virtual, em grupo constituído essencialmente por estudantes da Educação Básica, o que será detalhado na próxima seção. Há, portanto, no mínimo, outros dois aspectos sobre os quais não se pode deixar de discorrer aqui, juntamente à reflexão sobre mediação: o ato de ler em voz alta e o ato de ler em grupo.

Cecilia Bajour abre sua obra *Ouvir nas entrelinhas — o valor da escuta nas práticas de leitura* com questionamentos a respeito da relação entre ler e escutar:

> Ler se parece com escutar? Se assim for, onde a leitura se entremeia com a palavra pronunciada, encarnada numa voz, na própria e na de outros? Onde a leitura se toca com a palavra silenciada, não proferida mas dita com os olhos, com gestos, com o corpo, com outros múltiplos signos que criamos para estender pontes do texto ao leitor, do leitor ao texto, de leitor a leitor? (BAJOUR, 2012, p. 17).

A reflexão da autora leva à intrigante imposição àquele que se põe a ler: a ausência física do interlocutor. Trata-se de um caminho com obstáculos maiores do que aqueles impostos a quem fala e escuta, pois, no processo de fala-escuta, que nos é tão natural, temos a representação presentificada do outro, com quem a interação acontece. O obstáculo, na ausência de um termo melhor, àquele que se põe a ler é tão desafiador quanto o imposto a quem escreve: no primeiro caso, o leitor não tem um interlocutor imediato a quem responder sobre o lido, e ele destina ao texto, portanto, silêncio(s), paradoxalmente repleto(s) de sentidos; no segundo caso, não há um interlocutor imediato a responder àquele que escreve, e a ele, portanto, resta a antecipação da compreensão responsiva (BAKHTIN, 2011) durante o ato de escrever.

Segundo Petit, em *A arte de ler ou como resistir à adversidade*,

> [...] do nascimento à velhice, pensamos unicamente em resposta ao que nos foi lançado por outros [...]. Sem o outro não existe sujeito. Em outras palavras, o gesto da partilha ou da troca, a relação, está na origem mesma da interioridade, que não é um poço onde se mergulha, mas que se constitui entre dois, a partir de um movimento em direção ao outro. Está também na origem mesma da identidade (se é que esta existe, o que pode ser discutido), que se constitui em um movimento simultaneamente centrífugo e centrípeto, em um impulso em direção ao outro, um desarraigamento de si, uma curiosidade — uma vontade também, por vezes, feroz. Na origem mesma da cultura. (PETIT, 2009, p. 51).

É característica fundante do ser em sociedade o movimento em direção ao outro, assim como o retorno a si por meio do olhar para o outro. Os elos que constituem as relações discursivas são sempre responsivos (BAKHTIN, 2011). Nesse sentido, a ideia de ler em voz alta, em grupo, nada mais é do que uma proposta de viabilizar a leitores em formação um espaço legitimado para a leitura, a escuta e a reflexão sobre leitura literária, em um ir e vir não mais restrito à relação unicamente entre leitor e obra, em um ir e vir não mais restrito apenas em relação a outro, mas *aos outros*.

Na obra *Círculos de leitura e letramento literário*, Cosson afirma que a leitura em voz alta é

> [...] uma forma de sociabilidade. Ler para o outro nunca é apenas oralizar um texto. Ledor e ouvinte dividem mais que a reprodução sonora do escrito, eles compartilham um interesse pelo mesmo texto, uma interpretação construída e conduzida pela voz, além de outras influências recíprocas que, mesmo não percorrendo os caminhos sugeridos pela ficção, são relações importantes de interação social. (COSSON, 2020, p. 104).

Bajour, sobre esse aspecto, afirma que "pôr para fora, para outros, a música de nossa leitura pode nos revelar os realces que conferimos àquilo que lemos, as melodias que evocamos ou a percepção de sua ausência, os ruídos ou os silêncios que os textos nos despertam" (BAJOUR, 2012, p. 23), o que constituiria uma espécie de orquestra, na medida em que sons diversos se encontrariam em busca da construção de sentidos, a partir de diferentes interpretações da leitura de uma mesma partitura, aqui representada pela obra literária.

Ao afirmar que "dar e escutar a palavra sobre o lido seria objetivar o pensamento, torná-lo visível para si mesmo e para os outros", Bajour (2012, p. 22) parte do princípio que as discussões desenvolvidas durante a mediação de leitura podem ser consideradas como parte do texto que está sendo lido, uma vez que esse exercício se trata da materialização dos nossos pensamentos em discussões. Com base nisso, destaca-se a importância da mediação de leitura como complemento do ato de ler, não só porque "falar dos textos é voltar a lê-los" (BAJOUR, 2012, p. 23), mas também pelo que a reflexão sobre uma leitura é capaz de oferecer ao sujeito leitor. Tinoco (2013), em *Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura*, faz um apontamento que pode ser tomado como complementar a essa ideia:

> [...] refletir sobre uma leitura que se faz [...] é compreendê-la além da simples representação verbal do texto escrito. Além disso, é perceber esses três propósitos da leitura como fundamentos de uma reflexão produtiva: compreender a mensagem, compreender-se nela e se compreender por ela. (TINOCO, 2013, p. 146).

A mediação de leitura literária em voz alta, em grupo, oferece aos leitores, então, um espaço para a socialização de diferentes significados e reflexões, levando o leitor a um melhor entendimento sobre o mundo em que vive, além de levá-lo a um movimento de partilha e, também, a uma reflexão mais profunda sobre si mesmo.

É importante destacar outro aspecto fundamental da mediação de leitura literária: da mesma forma que ela não se trata de uma atividade passiva, não se restringe apenas a motivar o prazer ao leitor, pois ela é, sobretudo, uma atividade que busca tirar os leitores de suas zonas de conforto ao estimulá-los a construir suas próprias opiniões a respeito do mundo, de construir sentidos e de ampliar suas experiências. Cosson (2015, p. 169), no artigo intitulado *A prática de leitura literária na escola: mediação ou ensino?*, esclarece que "a mediação de leitura literária [...] não deve ser reduzida ao sentido comum de animação, como uma atividade a ser desenvolvida apenas por meio da empatia entre um leitor iniciante e um leitor experiente" e que tampouco pode ser reduzida a "uma simples leitura ilustrada, cujo único objetivo seja proporcionar o prazer de ler". Os alertas de Cosson (2015) são caros a este trabalho pois, ainda que seu objeto não se trate de mediação realizada em espaço e tempo de sala de aula, a pesquisa realizada olha para a mediação realizada em um grupo on-line constituído por estudantes. O mediador, então, é compreendido aqui como um sujeito protagonista no que diz respeito a como essa prática de leitura literária deve ser norteada, tendo em vista que, para que essa atividade possa captar as atenções dos respectivos leitores, sem objetivar "ensinar um conteúdo sobre a literatura" ou "uma simples atividade de lazer", é preciso mais do que conhecimento sobre literatura e amor pelos livros: é preciso estratégias voltadas a desenvolver a "competência literária [...] dentro de uma comunidade de leitores que

elabora, recria, debate, enfrenta, questiona, adota, refunde e inventa [...] os modos de ser e estar no mundo" (COSSON, 2015, p. 169-170).

A fim de que a mediação de leitura alcance um dos seus principais objetivos, o despertar da atenção dos leitores em relação aos livros, é preciso que esta atividade não corrobore com um espaço para fluxo desenfreado de ideias. Por isso, *as estratégias do mediador* são tão importantes para o sucesso dessa prática. Reconhecer sua importância e entender seu papel dentro de um grupo de leitura literária on-line, composto por jovens estudantes, motivou a pesquisa de que trata este trabalho; afinal, é principalmente ele, o mediador, que acolhe, escuta e orienta os leitores.

O grupo de leitura on-line: constituição e procedimentos norteadores da leitura em grupo

Os dados analisados neste estudo foram gerados em encontros de uma ação de extensão: um grupo de leitura on-line proposto pelo projeto de extensão *Mediação de Escrita e Leitura* – MESCLE, ação oferecida no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A ação foi divulgada em redes sociais *(Instagram* e *Facebook)*. Informou-se, por meio de um folder, que o grupo se encontraria todas terças, das 18h às 19h, para a leitura do livro "Senhor das Moscas". A inscrição para participar da leitura on-line foi realizada através de um formulário de inscrição do *GoogleForms*.

O grupo de leitura on-line contou com a participação de vinte pessoas: estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de escolas tanto públicas quanto privadas de Porto Alegre e da Região Metropolitana. Ressalta-se que, por conta da pandemia de Covid-19, o projeto que fora concebido para ocorrer presencialmente teve de ser adaptado, sendo realizado integralmente em plataforma on-line. Os encontros do grupo, formado por dois mediadores e os vinte participantes, ocorreram de 1º de setembro a oito de dezembro de 2020, em um total de quinze encontros.

A leitura organizou-se da seguinte forma: embora não tenha sido fixado, inicialmente, um número específico de páginas para os participantes lerem, a partir de um determinado momento, foi decidido que duas páginas seriam lidas, a fim de que se possibilitasse um maior espaço para vários participantes lerem. Havia liberdade para interrupções espontâneas para a realização de comentários, seja sobre a leitura em si ou sobre relações de pensamento possibilitadas pela leitura[1].

A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa e, posteriormente, a análise dos dados gerados nos encontros do grupo de leitura acima descrito[2].

Metodologia da pesquisa

Para fins de compreensão sobre a experiência de leitura, foram elaborados, inicialmente, dois questionários (GIL, 2008): o primeiro, aplicado no início dos encontros do grupo, consistia em entender os hábitos de leitura daqueles jovens, bem como os de seus familiares mais próximos. O segundo, por sua vez, foi aplicado ao final dos encontros do grupo, e consistia em perguntas que buscavam entender a experiência daqueles participantes no grupo.

---

1 A dinâmica de funcionamento do grupo está detalhada no relato de experiência *Leitura literária em voz alta, em grupo on-line, em tempos de pandemia.* DOI: https://doi.org/10.22456/2595-4377.113955.

2 Ressalta-se que os integrantes do grupo de leitura tornaram-se participantes da pesquisa mediante assinatura de Termo de Consentimento/Assentimento. O estudo integra o macroprojeto registrado na Plataforma Brasil, com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 90064118.6.0000.5347 e vincula-se ao *Grupo de Investigação sobre Práticas de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica,* registrado no CNPq. Para o espelho do grupo, acessar: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6993644198323805.

Ao longo dos quinze encontros, foram feitas anotações em diário de campo (GIL, 2008) pelos mediadores (bolsistas de Iniciação Científica, estudantes do curso de Letras), sobre as contribuições dos participantes acerca da leitura literária realizada no grupo de leitura. Foram observadas, ainda, as estratégias de mediação utilizadas naquele contexto. Os mediadores eram, então, ao mesmo tempo, observadores e agentes naquele grupo. Sobre esse aspecto, afirma Minayo:

> A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. (MINAYO, 2002, p. 59-60).

Essa dupla identidade do mediador/observador-participante caracteriza a pesquisa como uma pesquisa-ação, que, conforme Esteban,

> [...] não é o estudo daquilo que outros fazem, mas de nossas próprias práticas. Por isso, a pesquisa-ação oferece a possibilidade de superar o binômio "teoria-prática", "educador-pesquisador". Sob essa perspectiva, a prática e a teoria encontram um espaço de diálogo comum, de forma que o prático se converte em pesquisador, pois ninguém melhor do que as pessoas envolvidas em uma realidade determinada para conhecer os problemas que precisam de solução. (ESTEBAN, 2010, p. 172).

Destaca-se, por fim, que os recortes de falas realizadas no grupo, cuja análise teve caráter qualitativo, são o principal objeto deste estudo. A análise mostrou importantes estratégias de mediação utilizadas no âmbito do grupo de leitura on-line. Através das falas e dos pensamentos compartilhados pelos mediadores, a participação dos integrantes tornava-se mais dinâmica e, por isso, as estratégias acabaram por se transformar em recursos fundamentais para o andamento das discussões. As estratégias foram categorizadas da seguinte maneira: a organização do fluxo de ideias; perguntas direcionadas; explicação de aspectos; valoração dos comentários realizados pelos participantes. Será sobre elas que se discorrerá na próxima seção.

Análise dos dados: estratégias de mediação identificadas no grupo de leitura

Ao longo dos encontros do grupo de leitura on-line, foi possível perceber um maior engajamento por parte dos participantes nas discussões, uma vez que aquele espaço de leitura não se tratava mais de um local distante e desconhecido para eles; pelo contrário: conforme os encontros prosseguiam, mais aquela experiência se tornava "um momento do bate-papo sobre o lido" (BAJOUR, 2012, p. 25), um espaço seguro, democrático e receptivo para abarcar as interpretações dos membros do grupo a respeito da leitura realizada naquele tempo e naquele espaço.

Por meio da segurança que aquele espaço de leitura literária compartilhada proporcionava — afinal, foi um espaço planejado para este fim — houve, naturalmente, um aumento no fluxo de comentários realizados pelos integrantes. Diante desse cenário, através das análises dos encontros, foi possível reconhecer algumas estratégias de mediação utilizadas. Cabe aqui destacar que tais estratégias não eram conhecidas anteriormente à ocorrência do projeto de extensão MESCLE, isto é, elas foram reconhecidas durante a análise dos diários de campo. Desse modo, elas serão categorizadas e descritas conforme a interpretação dos registros escritos nos diários.

Uma das estratégias identificadas de modo recorrente dentro do grupo de leitura tratou-se da "organização do fluxo de ideias". Observou-se a realização de sínteses realizadas pelos mediadores sobre os recentes desdobramentos da leitura. Um dos mediadores buscou, por exemplo, sistema-

tizar e ordenar os pensamentos dos participantes do grupo em alguns momentos da leitura, como observa-se neste trecho do diário:

> Um dos mediadores traz o questionamento ao grupo de leitura sobre o que o narrador havia feito até então. Ao observar que não havia nenhuma resposta ou comentário por parte dos participantes, ele seguiu questionando sobre o que o narrador trazia além da interação entre os meninos (os dois únicos personagens que apareceram na leitura até então). Ele afirma que o narrador parece estar caracterizando aquele lugar a partir das imagens de onde aqueles meninos estão. Em seguida, ele questiona como esse lugar (onde o avião caiu) aparentava ser até o momento lido. O mediador finaliza afirmando e explicando que o lugar se trata de um paraíso e que o menino (Ralph) estaria deslumbrado com o lugar, enquanto o segundo menino (Porquinho) aparentava ser mais cuidadoso, pois ele pensava na comida e pensava também em como eles poderiam sobreviver estando presos naquele lugar. (Diário de campo).

Essa estratégia, ao ser utilizada, mostrou-se muito eficaz em vários momentos, como neste exemplo específico, em que, logo em seguida ao comentário, muitos dos participantes se encorajaram a realizar mais considerações sobre a leitura. Além disso, a partir das análises realizadas dos diários de campo, foi possível identificá-la como um recurso capaz de deixar aqueles integrantes mais seguros quanto às suas conclusões individuais.

No relato *Leitura literária em voz alta, em grupo on-line, em tempos de pandemia*, que trata da experiência de realização desse grupo de leitura, Netto *et al.* (2021) afirmam que organizar os acontecimentos da narrativa para aqueles integrantes significava "uma construção conjunta [...], onde sempre há espaço para mais detalhes, em que eles podem parafrasear a história que acabaram de ler, ou seja, contá-la com suas próprias palavras" (NETTO *et al.*, 2021, p. 7).

A segunda estratégia, por sua vez, foi classificada como "perguntas direcionadas". Percebeu-se que a realização de perguntas se tratava de um recurso em que o mediador questionava os participantes a respeito de assuntos referentes a determinados acontecimentos do livro. Essa estratégia era capaz de instigar o pensamento criativo dos participantes, uma vez que os incentivava a buscar respostas para aquelas questões a eles dirigidas. Esse recurso de mediação foi utilizado na maior parte dos encontros e pode ser exemplificado no trecho transcrito a seguir:

> O mediador, ao sintetizar fatos recentemente expostos pelos participantes, finaliza com algumas perguntas direcionadas, como: "O que vocês acham que falta aqui? O que faltaria aqui para melhorar o convívio deles? Na opinião de vocês, o que mais faltaria aqui para as regras serem cumpridas?" (Diário de campo).

Foi possível perceber o envolvimento de mais integrantes do grupo na discussão após a realização de perguntas, isto é, houve um entusiasmo maior por parte dos integrantes para encontrarem hipóteses que serviriam de respostas para aquelas perguntas realizadas, como pode-se observar no seguinte trecho.

> Após a fala do mediador, um dos integrantes comentou da possibilidade de os meninos estarem sentindo falta de algum adulto dentro da ilha. Ele explica seu raciocínio dizendo que os personagens estão sentindo falta de alguma ordem dentro da ilha. Um dos mediadores avalia o comentário e elogia a fala do participante, trazendo novos comentários. Outro participante comenta que o que estaria faltando fosse, talvez, o comprometimento de cada criança com as tarefas, pois não há ninguém naquela ilha para cobrá-los das obrigações a serem feitas. Com esta fala, outro integrante parece seguir a linha de raciocínio do colega de grupo e observa que o que estaria faltando poderia ser a presença de uma figura que fiscalize as atividades dos meninos. Este participante exemplifica sua resposta. Um dos mediadores elogia as ideias trazidas. Outro integrante também realiza sua contribuição com o grupo: este

> afirma que o que falta para os meninos é que eles sofram com as consequências das suas faltas de comprometimento com as atividades da ilha. Os participantes parecem bem empolgados para comentar. (Diário de campo).

Observou-se, então, que as perguntas direcionadas serviram como ferramentas que possibilitaram um maior enriquecimento daquela leitura, pois o espaço para dizer e para escutar fez com que as reflexões fossem materializadas, tornando público, portanto compartilhado, aquilo que antes se limitava a um diálogo entre leitor e obra. A materialização não encontra limites quando realizada em grupo, ao contrário do que muitas vezes ocorre na leitura individual, em que uma única voz, uma interpretação e uma verdade podem ser pensadas.

De acordo com Netto e Endruweit (2021), em *A voz que aproxima: o leitor em tempos de reclusão*, "o exercício da leitura em grupo é, sobretudo, a assunção da intersubjetividade, possibilitando aos participantes experimentar a alteridade, a importância do outro na construção de si e da própria subjetividade" (NETTO; ENDRUWEIT, 2021, p. 55). Nesse sentido, estimular o compartilhamento de diferentes leituras, como foi realizado com as perguntas direcionadas, permitiu que diferentes "melodias" a respeito da compreensão de cada participante sobre o lido pudessem preencher muitos dos silêncios ali expostos, com vistas à construção de uma espécie de "composição coletiva".

A terceira estratégia de mediação foi classificada como "explicação de aspectos". Verificou-se a intervenção dos mediadores através da realização de comentários, que não eram necessariamente a respeito do livro, mas sobre aspectos que poderiam auxiliar os participantes a compreender certos acontecimentos da obra ou determinados comportamentos de alguns personagens. O trecho abaixo exemplifica essa observação:

> Após encerrada a leitura do capítulo, o grupo ficou se indagando a respeito do comportamento de alguns personagens, especificamente daqueles que zombavam do personagem Porquinho. Discutiu-se sobre a implicância que alguns meninos da ilha tinham com este personagem em questão. Um dos mediadores traz um comentário a respeito do que estava acontecendo na obra. Ele afirma que o "bullying" se tratava de uma ação motivada pelo nosso ego, provinda de nossos próprios medos. Ele acrescenta que o "bullying" advinha, muitas vezes, de situações em que enxergamos em alguém nossos pontos fracos e que, consequentemente, reprimimos isso no outro para podermos nos sentir melhor, e que essas repreensões muitas vezes ocorrem de maneira agressiva, caracterizando o "bullying". (Diário de campo).

Contatou-se que, através dessas explicações, os mediadores enriqueciam o conteúdo do diálogo, na medida em que eram trazidos mais detalhes para aqueles eventos, contextualizando melhor aquela leitura. Além disso, ao trazer conhecimentos de mundo, externos às páginas do livro, os participantes sentiram-se à vontade para recorrer aos seus próprios conhecimentos, muitas vezes de sua realidade social mais próxima, para compartilharem com o grupo. Embora os mediadores não fossem professores dos participantes, eles não deixavam de contribuir com a construção de significados no grupo, considerando-se, em especial, sua maior experiência enquanto leitores de leitura literária. A presença de leitores mais experientes dentro daquele espaço mostrou-se importante, tendo em vista que sua bagagem literária possibilitou ajudar os participantes a ampliarem a profundidade do texto lido, considerando-se que estes poderiam ter pouco conhecimento prévio a respeito de alguma questão específica que porventura perpassasse a narrativa.

A estratégia de explicação de aspectos demonstrou-se útil quando se percebia que os silêncios eram decorrentes de timidez com relação ao desconhecimento sobre algum assunto. Assim, em busca de que os silêncios fossem preenchidos e diferentes vozes fossem ouvidas dentro do grupo, essa estratégia se fez presente, mobilizando o envolvimento de todos dentro do grupo, afinal, quando se utiliza a voz para compartilhar as subjetividades a respeito da leitura, "podemos

intervir, mudar a ordem dos fatos, emitir julgamentos, enfim, participar do que estamos contando" (NETTO; ENDRUWEIT, 2021, p. 55).

Destaca-se que, em algumas situações em que explicações foram realizadas, não houve uma recorrência de comentários tão considerável; sabia-se, porém, que a insistência nos silêncios daqueles integrantes também tinha seu devido significado, o que, assim como os comentários feitos, também era respeitado. Bajour, em *A voz nasce no silêncio*, estabelece uma relação entre as vozes compartilhadas dentro de um espaço de narrativa oral e o silêncio: para a autora, "ambos se necessitam e se implicam, já que o silêncio só pode ser reconhecido na medida em que o som ou a linguagem o rodeie" (BAJOUR, 2018, n.p.). Assim como as falas compartilhadas, os silêncios também eram valorizados, pois sabia-se que, dentro desses espaços oralmente vazios, significados poderiam estar sendo construídos, e as compreensões a respeito daquilo que era lido poderiam estar sendo assimiladas.

A última estratégia observada nos procedimentos de mediação daquele grupo foi a "valorização dos comentários realizados pelos participantes". Observou-se que essa estratégia em específico consistia na busca de validar as ideias dos integrantes do grupo, buscando transmitir-lhes confiança para seguirem firmes em suas percepções e reflexões. Os mediadores buscavam dialogar com todas as ideias trazidas, estimulando a presença de diferentes posicionamentos e apontamentos, como observa-se no fragmento abaixo.

> Em um dos momentos da leitura, um dos participantes comenta: "Eu acho que o Jack é muito individualista. Ele tem esse pensamento autoritário. E esse pensamento o leva a satisfazer as próprias vontades dele num momento presente, tipo, 'vocês vão fazer o que eu quero no momento que eu quero'. E já o Ralph, eu acho que ele é um cara que pensa muito nos problemas à frente". O mediador, após esse comentário feito, acrescenta: "Tem várias coisas que vocês tinham pensado que eu não tinha. E é por isso que é legal que vocês compartilhem as ideias de vocês, porque agrega. Tudo agrega à leitura". (Diário de Campo).

Essa estratégia mostrou-se bastante importante para o andamento das discussões, uma vez que, como ocorrido nesse caso, após o comentário do mediador sobre o ponto trazido pela participante, ela passou a contribuir ainda mais com as discussões. Ou seja, através dos comentários de validação, os participantes demonstravam-se mais seguros quanto aos seus próprios pensamentos, o que os estimulava a compartilharem suas ideias dentro daquele espaço, que se mostrou, para eles, seguro e democrático, independentemente de o grupo concordar ou não com o apontamento.

As estratégias descritas foram fundamentais para que não só mais manifestações acontecessem dentro do grupo de leitura, mas também para evidenciar aos participantes que o texto não se trata de "uma sequência linguística fechada sobre si mesma" (NUNES, 1994, p. 24). O grupo de leitura, para além de mobilizar estratégias de mediação reconhecidas na pesquisa de que trata este trabalho, oportunizou que a leitura literária se tornasse uma experiência enriquecida pelos comentários compartilhados, ou seja, uma experiência nova, diferente da habitual leitura solitária, em que não há discussões e reflexões com o outro na ocasião imediata do encontro com o texto.

Netto e Endruweit afirmam que "a leitura conjunta tem algo de revelador, como se possibilitasse o surgimento de uma verdade invisível para o leitor solitário" (NETTO; ENDRUWEIT, 2021, p. 55). A leitura em voz alta, em grupo, mostra-se uma experiência que se realiza com significações individuais, porque as sensações da experiência vivida são sempre exclusivas; mas é inegável que os sentidos, no círculo de leitura observado, construíram-se em grupo, com o(s) outro(s); e aquilo que poderia passar despercebido não escapou ao olhar coletivo e simultâneo para a mesma obra.

Mediação de leitura e formação do leitor em relação intrínseca

Na seção anterior, foi apresentada a classificação de estratégias de mediação elaborada a partir da análise dos dados gerados em um grupo de leitura literária on-line. Essas estratégias de mediação não podem ser vistas separadamente do processo de formação de leitores, em especial porque se trata de um grupo de estudantes, que passou a integrar um círculo de leitura, nos termos como o define Cosson: um grupo com "caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada" (COSSON, 2020, p. 139).

Se é possível identificar o caráter formativo do grupo de leitura analisado, nos moldes do que se entende, no âmbito desse estudo, por "experiência formadora", está posto que o exercício de mediação integra o processo formador do leitor. Ressalta-se, entretanto, a problematização apontada por Rezende (2013) em *O ensino de literatura e a leitura literária*. Conforme a autora, é preciso buscar um deslocamento do "ensino de literatura para a leitura literária, uma vez que o primeiro se concentra no polo do professor e o segundo, no polo do aluno" (REZENDE, 2013, p. 106). Nessa perspectiva, ensinar leitura literária é uma via de mão dupla, como já observado no relato de experiência *Leitura literária em voz alta, em grupo on-line, em tempos de pandemia*, que versa sobre a experiência de mediar o grupo de leitura a partir do qual foram gerados os dados analisados neste estudo. No referido relato, Netto *et al.* afirmam que se faz "importante que os mediadores se permitam também exercitar aquilo que estão propondo: trata-se de um espaço para trocas e construção de conhecimentos, nunca simplesmente de transmissão de conhecimentos" (NETTO *et al.*, 2021, p. 9). Dito isso, destaca-se que o caráter formador desse processo de mediação assenta-se no fato de que, desde a escolha do livro a ser lido em grupo, houve preocupação com o espaço para a escuta do outro. Quando essa preocupação norteia a escolha é porque, antes do início do processo de leitura, se imagina

> [...] por onde poderemos introduzir os textos nas conversas literárias, por onde entrarão os demais leitores, que encontros e desencontros a discussão poderá suscitar, como faremos para ajudá-los nesses achados, como deixaremos aberta a possibilidade de que o próprio texto os ajude com algumas respostas ou lhes abra caminho para novas perguntas, como faremos para intervir sem fechar sentidos. (BAJOUR, 2012, p. 27).

Por fim, é importante mencionar que, da escolha da obra à prática de leitura em grupo, em voz alta, em um círculo de leitura, juntamente ao resultado da análise, visto em 1.3, tem-se um processo que pode ser discutido entre docentes da Educação Básica enquanto uma prática de formação de leitores. Afinal, uma prática nesses moldes, se levada para o tempo e para o espaço escolares, tem em vista um caminho para um "ensino de leitura literária" que busca a construção de sentidos através da linguagem artística, por meio da qual se faz possível a compreensão das coisas do mundo e de si na relação com o(s) outro(s), na contramão do que se pretende com um tempo e um espaço voltados ao "ensino de literatura", ainda predominante nas salas de aula.

Considerações finais

Habitualmente se associa a literatura à palavra escrita, aos livros. Esquece-se da tradição oral em que se manifestavam, por exemplo, as cantigas, composições medievais portuguesas. Ainda mais distante no tempo, a Ilíada e a Odisseia foram difundidas ao terem seus versos cantados na Grécia Antiga. Como afirma Lajolo (2018), na queda de braço entre oralidade e escrita, a escrita saiu vencedora. No entanto, o isolamento motivado pela pandemia instalada logo no início de

2020 afastou todos dos demais corpos e das sensações viabilizadas pelo convívio social. O grupo de leitura on-line mostrou-se, então, um tempo e um espaço de encontro com o outro por meio do compartilhamento da voz, emprestada pelos participantes enquanto liam em voz alta a obra "Senhor das Moscas".

Lajolo (2018) afirma que a literatura pode ser um dos resultados mais estimulantes da luta com as palavras. Segundo a autora, "é entre a momentânea certeza de que as palavras e coisas constituem uma unidade e a igualmente momentânea angústia de que palavras e seres jamais se interpenetram que se configura a linguagem" (LAJOLO, 2018, p. 46). Assim, para além da contribuição com os estudos sobre mediação de leitura, a partir da classificação de estratégias percebidas como procedimentos executados no grupo observado, quais sejam, a organização do fluxo de ideias, as perguntas direcionadas, a explicação de aspectos e a valoração dos comentários dos participantes, os encontros semanais com o(s) outro(s), ainda que os corpos estivessem intermediados pelas telas, permitiram a vivência de uma angústia compartilhada e, por isso, tolerável, mas, acima de tudo, prazerosa: a construção conjunta de sentidos, na luta com as palavras, durante uma leitura literária compartilhada em voz alta.

Referências

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas Entrelinhas*: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BAJOUR, Cecilia. A voz nasce do silêncio. *Revista Emília*, São Paulo, 4 fev. 2018. Seção Literatura e Crítica. Disponível em: https://emilia.org.br/a-voz-nasce-do-silencio-2/. Acesso em: 2 out. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário.* São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, Rildo. A prática de leitura literária na escola: mediação ou ensino? *Nuances:* Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015.

ESTEBAN, Maria Paz Sandin. *Pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: AMGH, 2010.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAJOLO, Marisa. *Literatura ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

MINAYO, Maria Cecília (org.). *Pesquisa social:* teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

NETTO, Daniela Favero; ENDRUWEIT, Magali Lopes. A voz que aproxima: o leitor em tempos de reclusão. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 57, p. 51-66, jan./jun. 2021.

NETTO, Daniela Favero *et al*. Leitura literária em voz alta, em grupo on-line, em tempos de pandemia. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2021. DOI: https://doi.org/10.22456/2595-4377.113955.

NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro*: imaginário da leitura no Brasil Colonial. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. (Coleção Viagens da Voz).

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. *In:* DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 99-112.

TINOCO, Robson Coelho. Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura. *In:* DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 135-152.

Data de submissão: 16/11/2021
Data de aceite: 24/01/2022